

Enunciar entre a presença e a ausência: (re)valorações da palavra-alheia a partir de *A outra filha* (2010), de Annie Ernaux

Maria Eduarda Freitas Moraes*

Maria Ottilia Rodrigues Cruz**

Resumo

A capacidade representativa da linguagem está em intrínseca relação com a morte à medida que toda enunciação representa um objeto em ausência. A alteridade, objeto constitutivo dos estudos do discurso, é condição para o estabelecimento de relações dialógicas, que respondem a enunciados anteriores e antecipam possíveis dizeres. Em uma abordagem bakhtiniana, a palavra, como signo ideológico, vivifica um objeto do dizer, encarnando já-ditos e produzindo novas valorações acerca do objeto. Partindo dessa perspectiva teórica, visamos discutir as possibilidades de reavaliação da experiência da morte e da perda no âmbito social por meio da linguagem, em uma esfera que tensiona o ético e o estético, a autossociobiografia. Elegemos o texto *A outra filha* (2010), de Annie Ernaux, como objeto de análise dialética-dialógica. Na obra de Ernaux, a autora narra a breve vida de uma irmã que nasceu e morreu antes da sua existência, endereçando-lhe uma carta; carta que é, portanto, endereçada a uma alteridade em ausência. Para a análise e discussão, utilizamos como principais categorias de análise as noções de heterodiscurso, palavras-alheias, signo ideológico, relações dialógicas e cronotopo. Observamos de que modo os enunciados propostos por Ernaux no seu texto permitem uma reavaliação da alteridade em ausência da irmã

* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Letras. Bolsista CNPq. Psicóloga e psicanalista. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2625-7934>.

**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestranda em Teoria da Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras. Bolsista CAPES. Professora da rede básica. Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-5269-0900>.

falecida. Concluimos que a alteridade ético-estética da autossociobiografia permite refletir e refratar diferentes sentidos para as palavras-alheias que nomeiam experiências sociais de perda.

Palavras-chave: teoria dialógica do discurso; autossociobiografia; dialogismo; alteridade; Annie Ernaux.

Enunciating between Presence and Absence: (Re)Evaluations of Others' Words Based on *The other girl* (2010), by Annie Ernaux

Abstract

The representative capacity of language is intrinsically related to death, as every utterance represents an absent object. Otherness, a constitutive object of discourse studies, is a condition for establishing dialogical relations, which respond to previous utterances and anticipate possible statements. From a Bakhtinian perspective, the word, as an ideological sign, enlivens an object of discourse, embodying already-said words and producing new valuations of the object. Based on this theoretical perspective, we aim to discuss the possibilities of revaluating the experience of death and loss in the social sphere through language, in a dimension that tensions the ethical and the aesthetic—the autossociobiography. We have chosen the text *L'Autre fille* (2010) by Annie Ernaux as the object of dialectical-dialogical analysis. In Ernaux's work, the author narrates the brief life of a sister who was born and died before her own existence, addressing a letter to her—a letter that is, therefore, directed to an absent otherness. For the analysis and discussion, we use as our main analytical categories the notions of heterodiscourse, others' words, ideological sign, dialogical relations, and chronotope. We observe how the utterances proposed by Ernaux in her text enable a revaluation of the absent otherness of the deceased sister. We conclude that the ethical-aesthetic otherness of autossociobiography allows for the reflection and refraction of different meanings for the others' words that name social experiences of loss.

Keywords: dialogical theory of discourse; autossociobiography; dialogism; otherness; Annie Ernaux.

Recebido em: 15/03/2025 // Aceito em: 27/11/2025

Considerações iniciais

A capacidade representativa da linguagem, inscrita nas dinâmicas sógnicas, está em intrínseca relação com a morte. De fato, a representação, como capacidade de tornar presente o ausente, porta necessariamente a morte do objeto, da coisa em si. A representação da ausência da alteridade é objeto de interrogação de diversas áreas. A teoria dialógica do discurso do Círculo de Bakhtin¹, por sua vez, é uma das áreas que se dedica ao estudo da linguagem em intrínseca relação com o mundo da vida, propondo uma translinguística (Bakhtin, 2018). Nessa perspectiva, o princípio dialógico – que constitui o sujeito e, com isso, o seu discurso –, considera a impossibilidade de o sujeito ver a si mesmo sem ser através do olhar do outro, bem como salienta a reacentuação das palavras alheias através da tomada da palavra do sujeito como “eu”, diferenciando-se do lugar da alteridade (Bakhtin, 2015, 2019). Na abordagem bakhtiniana (Bakhtin, 2015, 2016), a palavra é signo ideológico que vivifica um objeto do dizer, encarnando já-ditos e não-ditos, construindo relações dialógicas com enunciados anteriores e possíveis respostas. Com isso, reflete e refrata diferentes sentidos na comunicação humana conforme a esfera de comunicação e as relações dialógicas que são estabelecidas (Volóchinov, 2019).

No presente trabalho, visaremos discutir a possibilidade de reavaliação da morte como experiência social por meio da linguagem, em uma esfera que tensiona o ético e o estético,

¹ A área dos estudos linguísticos designa como **Círculo de Bakhtin** o grupo interdisciplinar de pensadores russos que se reuniram, entre 1919 e 1929, para discutir questões relacionadas à filosofia da linguagem e à estética, dentre outras. Para os estudos bakhtinianos, os escritos de Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pável Medviédov são de especial importância (Faraco, 2009).

a autossociobiografia. Apesar de se referir às experiências vividas pelo próprio sujeito, a autossociobiografia difere-se da autobiografia. Isto porque a autobiografia, segundo Bourdieu (2011), supõe uma narrativa linear em que o indivíduo é o agente central das suas ações. Entretanto, as condições reais de vida implicam descontinuidades e contradições que se manifestam em relações concretas no espaço social (Bourdieu, 2011). Tendo isso em vista, a autossociobiografia implica recontar uma história pessoal de modo consciente do lugar social que se ocupa, situando-o de modo socio-histórico (Charpentier, 2006; Ernaux; Bras, 2017). Trata-se de um gênero discursivo que a escritora francesa Annie Ernaux estiliza² de modo responsivo às provocações propostas por Bourdieu.

Compreendemos que as obras de Ernaux discutem questões atuais e relevantes, como o questionamento da dominação masculina e a diferença de experiências que constituem sujeitos pertencentes a classes dominantes ou dominadas. Com o aporte teórico, que será aprofundado na primeira seção do trabalho, desenvolveremos o objetivo de discutir a possibilidade de revalorização da morte como experiência social por meio da linguagem na autossociobiografia. Para atingir o objetivo, escolhemos a obra *A outra filha* (2010), de Annie Ernaux, como objeto. Para fins de análise, discutimos as categorias de: signo ideológico, relações dialógicas e heterodiscurso. O artigo está dividido em uma primeira seção teórica, que realizará uma discussão bakhtiniana sobre alteridade e valorização, e a segunda seção, que será dedicada à análise dialógica do texto literário.

² Apesar de Ernaux ter se tornado reconhecida pelo desenvolvimento da autossociobiografia de modo original, ela não é a única autora na contemporaneidade a estilizar este gênero, sendo reconhecidos também os trabalhos de autores como Didier Eribon e Édouard Louis.

1 Alteridade, valoração e significação: considerações a partir do pensamento do Círculo de Bakhtin

A relação entre “eu” e “outro” como centros de valores distintos e consciências insubstituíveis é proposta por Mikhail Bakhtin desde os seus primeiros trabalhos, como *Para uma filosofia do ato responsável* (2010), escrito entre 1920 e 1924. Esse pensamento comporá a epistemologia do Círculo, a sua concepção de linguagem, bem como servirá como guia para pensar as relações dialógicas. As distintas consciências se contemplam e, com isso, entram em tensas e constitutivas relações dialógicas.

Segundo Bakhtin (2010), no ato de conhecer o mundo, o sujeito teórico-abstrato deve “encarnar-se em um ser humano real, efetivo, pensante para incorporar-se [...] com o mundo todo do existir que lhe é inerente enquanto objeto do conhecimento, no existir do evento histórico real, simplesmente como seu momento” (Bakhtin, 2010, p. 49). O sujeito deve “assumir uma atitude emotivo-volitiva particular em relação à humanidade histórica” (Bakhtin, 2010, p. 105); somente nessa assunção, o sentido do ato se concretiza. Então, o endereçamento à grande alteridade cultural é o fundamento da consciência participativa, que não concebe generalidades, mas a **presença**: “existe eu, e existe um determinado, concreto, ‘outro’: o meu próximo, o meu contemporâneo (a humanidade social), o passado e o futuro de pessoas reais (da humanidade histórica real)” (Bakhtin, 2010, p. 106).

Nesse sentido, “não é no contexto da cultura que uma afirmação emotivo-volitiva adquire seu tom; toda a cultura na sua totalidade vem integrada no contexto unitário e singular da

vida do qual eu participo” (Bakhtin, 2010, p. 90). A “presença” bakhtiniana prevê o diálogo entre o próprio e o alheio, o situado e a ampla humanidade social. O discurso, nessa perspectiva, é composto por enunciados, unidade mínima da comunicação, e cada enunciado, por sua vez, “é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (Bakhtin, 2016, p. 26). Sendo assim, cada enunciado constitui-se, de modo articulado, em relação aos enunciados anteriores. Simultaneamente, cada enunciado antecipa possíveis respostas ao seu dizer.

Podemos pensar que, na perspectiva bakhtiniana, a palavra opera como vínculo afetivo entre sujeito e alteridade (Monroy, 2019). O caráter e a valoração desse vínculo irão variar conforme a arquitetura. Em *Para uma filosofia do ato responsável*, Bakhtin (2010) propõe a arquitetura do ser-evento como conjunto de valorações que constituem a relação entre as consciências. Essas relações são o “eu-para-mim” (como me vejo e me valoro), o “eu-para-o-outro” (como percebo que o outro me valoro) e o “outro-para-mim” (como eu valoro a alteridade). Todas essas relações são constitutivas do modo como “eu” me valoro em relação à alteridade. A alteridade, por sua vez, é presente desde o início da constituição do sujeito, visto que, sem ela e a sua linguagem socialmente compartilhada, não haveria o nascimento social do sujeito (Volóchinov, 2019).

No caso do discurso autobiográfico³, a teoria bakhtiniana nos permite compreender o relato de uma vivência a partir de um desdobramento da posição-autor, em que autor-criador (desdobramento do autor-pessoa, ser concreto)⁴ conta a própria

³ Na teoria da literatura, há distintas formas de compreender a (auto)biografia. Neste artigo, alinhamo-nos ao viés bakhtiniano, compreendendo-o como um discurso (Souza, 2023) cujo princípio advoga que “[n]em na biografia, nem na autobiografia o *eu-para-mim* (a relação consigo mesmo) é elemento constitutivo da forma” (Bakhtin, 2023, p. 219), tendo em vista a não-coincidência entre autor e personagem nos dois casos.

⁴ Na obra bakhtiniana, autor-pessoa e autor-criador são instâncias sócio-discursivas distintas, que necessitam do movimento exotópico para construir um romance. Para Bakhtin (2023, p. 33), “o herói de uma obra nunca pode coincidir com o seu autor-criador, pois caso contrário não teríamos uma obra de arte”. O herói, nessa via, é produto da visão estética do autor-criador. O

vida sem coincidir com a personagem ou com os destinos factuais da própria vida, ancorando-se, fundamentalmente, no vetor axiológico do “outro, em cujos tons axiológicos recordamos a nós mesmos” (Bakhtin, 2023, p. 222).

Segundo Bakhtin (2015), a abertura da subjetividade à alteridade caracteriza o falante no romance, cuja formação da consciência “é um processo de assimilação seletiva das palavras dos outros” (Bakhtin, 2015, p. 135). A ênfase na seletividade pela qual a palavra alheia é assimilada revela que a consciência, bem como “todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) [são] pleno[s] de palavras dos outros, em um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância”, as quais “assimilamos, reelaboramos e reacentuamos” (Bakhtin, 2015, p. 54).

Ainda, o discurso revela uma série de movimentos **entre** o presente, o passado e o futuro, amalgamando no enunciado o ato ético enquanto assunção da cultura-em-mim. Considerando que qualquer ato, na interação eu e outro, possui uma dimensão dialógica (Bubnova, 2016), a rememoração instala uma contraposição arquitetônica entre o eu e o outro que, em seu funcionamento dialogizante, põe em cena “as complexas relações de reciprocidade com a palavra do outro em todos os campos da cultura” (Bakhtin, 2017, p. 38), começando pela assimilação da palavra alheia e “terminando na assimilação das riquezas da cultura humana (expressas em palavras ou em outros materiais semióticos)” (Bakhtin, 2017, p. 38). É o diálogo entre tempos e culturas, impresso na materialidade do discurso, o fundo

autor-criador é “o agente da unidade tensa e ativa do conjunto acabado, do todo da personagem e também da obra” (Bakhtin, 2023, p. 54). No ato estético, o autor-criador não pode coincidir consigo mesmo, o autor-pessoa, nem com a personagem no momento de produção da obra, pois, para que haja acabamento estético, é necessário que haja ao menos dois participantes, “duas consciências que não coincidam” (Bakhtin, 2023, p. 65). O autor-criador pode ser, de certo modo, compreendido como essa alteridade do autor-pessoa, uma consciência capaz de realizar o movimento exotópico, de contemplar a si mesmo a partir de um olhar estrangeiro, “uma existência-alteridade humana em mim”, para gerar um produto ético-estético (Bakhtin, 2023, p. 229).

filosófico que explica a dialogicidade interna da consciência como assimilação responsiva do heterodiscurso que reverbera no grande tempo (Bakhtin, 2015, 2018).

O heterodiscurso, expressão das relações dialógicas, designa as linguagens sociais concretas, vivas, respondentes à pluralidade dos usos linguísticos compartilhados e das visões de mundo de grupos sociais determinados. Segundo Bakhtin (2015), a pluralidade de linguagens sociotípicas serve a “quaisquer cosmovisões sociais significativas” (Bakhtin, 2015, p. 65), fazendo com que as línguas sociais se individuem segundo “pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de sua compreensão verbalizada, horizontes concreto-semânticos e axiológicos específicos” (Bakhtin, 2015, p. 67).

No discurso, o enunciado é signo ideológico, carregado de sentidos que advêm da sua produção histórica. Todavia, esses sentidos podem ser revalorados e, com isso, refratarem outros dizeres. Tanto Volóchinov (2018) quanto Medviédév (2019) afirmam que o signo é um produto ideológico forjado num meio ideológico que, além de circular na realidade concreta, a reflete e a refrata. Entendendo ideologia como pontos de vistas inscritos em ênfases multiacentuadas sobre a existência e compartilhados por coletividades, Volóchinov (2018) afirma que o signo ideológico “não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante” (Volóchinov, 2018, p. 93). Então, não só as ênfases valorativas multiacentuadas incidem nos signos como os signos reinterpretem tais ênfases, em um diálogo infindo. Nesse processo, a reinterpretação

sempre inclui uma avaliação, tanto individual quanto social⁵, que faz do signo um enunciado concreto, portador de uma opinião ideológica autoral.

Nesse sentido, a língua, em seu aspecto de significação, quando mobilizada em um gesto autoral responsivo, evoca o sentido, particularizando significações às estruturas empregadas, em um processo dialético (Volóchinov, 2018). Essa tensão depende de uma compreensão responsiva, princípio a partir do qual, “[e]m cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas” (Volóchinov, 2018, p. 232), reacentuando-as a partir de nosso centro axiológico singular, em diálogo com o de nossa coletividade.

Quais relações de alteridade a signicidade evoca? Podemos observá-las na dinâmica de dupla orientação da palavra no ato enunciativo, em que o locutor, ao endereçar-se ao interlocutor, enfrenta um lugar heterodiscursivo “entre o discurso e o objeto”, um “meio elástico e amiúde dificilmente penetrável de outros discursos alheios a respeito do mesmo objeto, ‘no mesmo tema’” (Bakhtin, 2015, p. 48). Esse meio é constituído por uma multiplicidade de vozes sociais que já avaliaram e tematizaram o signo, visto que, “em todas as suas vias no sentido do objeto, em todas as orientações, o discurso depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele” (Bakhtin, 2015, p. 51).

No que tange à memória, Moll, Di Fanti e Theobald (2024), ao estudarem o conceito de autobiografia em Bakhtin (2023), defendem que, mesmo em casos-limite – no ensimesmamento,

⁵ No ideário bakhtiniano, singularidade e sociedade não são dicotomias. Podemos entendê-las como pontas de um mesmo espectro discursivo, visto que o discurso interior é uma reapropriação singularmente acentuada do discurso exterior (Volóchinov, 2018).

quando há uma tentativa de isolamento subjetivo –, toda “crise da alteridade é sempre testemunhada por alguém, que a ela responde e lhe atribui sentido” (Moll; Di Fanti; Theobald, 2024, p. 13). Esse “alguém” não é, necessariamente, um outro concreto, visto que a própria linguagem evoca uma presença semântica interpretante (Bubnova, 2016). No gênero discursivo autobiografia, o funcionamento da linguagem promove deslocamentos entre o locutor-pessoa, o autor-criador e o autor-pessoa que impedem que a escrita se torne mesmificação (Moll; Di Fanti; Theobald, 2024).

Bakhtin (2023) entende “por biografia ou autobiografia (descrição de uma vida) a forma transgrediente imediata” (Bakhtin, 2023, p. 221) na qual se pode objetivar-se esteticamente a si mesmo e a sua vida. Essa transgrediência implica uma “extralocalização exterior, espacial e temporal” (Bakhtin, 2023, p. 221) entre o narrador e a personagem e promove a vivência “da própria existência-alteridade humana” em si mesmo (Bakhtin, 2023, p. 229). Ao contar a própria história, o sujeito enfrenta a alteridade de sua coletividade, dos narradores possíveis “outros”, fazendo com que a própria vida seja “percebida e construída como uma possível narração que sobre ela o outro faz para os outros” (Bakhtin, 2023, p. 222) – ou seja, para esse terceiro, que comenta e interpreta os sentidos de uma vida.

Na autobiografia, “como criadores [...] estamos fora de nós mesmos, e esse estar fora, essa extralocalidade ou exotopia, gera um processo de elaboração muito amplo” (Zavala, 2022, p. 159). Na perspectiva de Ponzio (2020), entendemos que a signicidade bakhtiniana, ao evocar a alteridade, tensiona a presença material da memória – os vestígios – e a ausência relativa de sentido que, em alguns casos, podem acometer

a integralidade de um relato, visto que o recordar “re-vela [...] quanta ausência, feita passar por presença, existe nas construções da memória, quantos buracos na sua continuidade e quantos enganos e distorções na sua coerência” (Ponzio, 2020, p. 285). Por isso, para Bakhtin (2017), a memória não pode mudar a materialidade do passado, mas pode revalorar, refletir e refratar outros valores em seu sentido, transformando a compreensão sobre o passado. Nesse contexto, propomos que, hibridizando a voz do autobiógrafo com o heterodiscurso rememorado (Bakhtin, 2015, 2023) e enfatizando a dimensão social da inscrição da perda na história familiar, a evocação da vida dos outros na narrativa autoral porta valoração.

Portanto, a teoria dialógica do discurso é entendida como adequada para o estudo da obra de Annie Ernaux à medida que a autora ressalta, em suas obras, a relevância que a sociologia ocupa na construção da sua escrita (Charpentier, 2005, 2006; Ernaux; Bras, 2017; Pontes, 2017). Nesse sentido, a teoria dialógica pode contribuir para as questões que atravessam o discurso de todo sujeito situado socio-historicamente.

2 A outra filha: uma carta a quem está ausente

O endereçamento à alteridade é central em *A outra filha* (2010), de Annie Ernaux. A autora nasceu em Lillebonne, na França, em 1940, e viveu sua infância em Yvetot, cidade que é referenciada em suas obras com frequência. Filha de operários que se tornaram pequenos comerciantes, a autora discute a mudança de classe social e as desigualdades entre classes. Vencedora do Nobel de Literatura em 2022, Ernaux é conhecida por sua escrita autossociobiográfica em obras como *A vergonha*, *O acontecimento*, *O lugar* e *Os anos*.

Em *A outra filha* (2010), a autora expõe a sua relação, construída em um momento *a posteriori*, com a sua irmã nascida e falecida antes do seu nascimento. A obra possui uma singularidade, pois haveria sido encomendada por uma editora, que visava produzir uma coletânea de textos em que diferentes autores escreveriam uma carta que nunca escreveram (Junqueira dos Santos, 2025a). A carta de Ernaux singularizou-se de modo a se tornar *A outra filha* (2010).

O texto é então produzido como uma carta endereçada à irmã que não se pode conhecer senão por meio do discurso familiar. Convergimos para o pensamento de Amorim (2001) quando indica que não há um saber anterior à escrita de uma experiência: trata-se de um saber que se constrói na própria escrita. Sendo assim, uma nova relação com a irmã é criada por meio do texto. No início da obra, a autora-criadora enuncia:

Mas você não é minha irmã, você nunca foi minha irmã. Nós não brincamos, não comemos, não dormimos juntas. Eu nunca encostei em você, nunca te abracei. Não sei a cor dos seus olhos. Nunca te vi. Você não tem corpo nem voz, é apenas uma imagem chapada em algumas fotos em preto e branco. Não tenho lembranças suas. Quando nasci, você já tinha morrido havia dois anos e meio. Você é a criança dos céus, a menininha invisível de quem nunca falaram, a ausente de todas as conversas. Você é o segredo. (Ernaux, [2010]/2023a, p. 10).

Nesse primeiro trecho, somos introduzidos ao que a autora-criadora compreende da palavra “irmã” como signo ideológico: alguém com quem se compartilha as rotinas, as brincadeiras, mas, principalmente, os pais. O acento sobre a função de filha é marcado em diversas obras da autora, como *O lugar*, *Uma*

mulher, A vergonha, entre outras (Junqueira dos Santos, 2025b). Em algumas, observamos mesmo o sofrimento em ocupar a posição de filha, como “*Je ne suis pas sortie de ma nuit*” e *Uma mulher*, quando é narrado o processo de envelhecimento da mãe da autora-pessoa com a doença de Alzheimer, o seu envolvimento nos cuidados e, ao mesmo tempo, a ambivalência de acompanhar esse processo. Ao mesmo tempo, em *A outra filha*, incide sobre a narrativa dois elementos acerca da história familiar: (a) o texto é iniciado com a descrição de uma foto da irmã morta, que a autora-pessoa pensava se tratar de uma fotografia sua; (b) o peso que recai sobre a autora-pessoa quando há um discurso familiar que nomeia explicitamente o desejo de ter apenas um filho para promover melhores condições de vida a esse único filho e, portanto, a autora-pessoa nasce porque a irmã está morta.

Ainda no início da obra, a autora-criadora enuncia: “Você sempre esteve morta. Entrou em minha vida já morta, no verão dos meus dez anos” (Ernaux, [2010]/2023a, p. 10). Na perspectiva bakhtiniana, a autora-criadora é figura que se distingue da autora-pessoa (Bakhtin, 2023). Enquanto a autora-criadora é figura de autoria que enuncia em uma obra, a autora-pessoa seria a pessoa do autor no campo da realidade. No entanto, essas figuras podem coincidir mais ou menos de acordo com a obra. A morte da irmã, experimentada ao se tornar conhecida pela autora-pessoa, torna-se um acontecimento estético que demanda acabamento na escrita. Nessa via, o acabamento estético ocorre por meio da sombra fantasmática da irmã, que levará a autora-pessoa à posição de escritora que materializa uma experiência singular e, ao mesmo tempo, sua posição social.

O enunciado da autora-criadora da obra, “Você sempre esteve morta.” (Ernaux, [2010]/2023a, p. 10), remete não somente a quem não pode responder nesse momento, mas a quem não se conheceu, ou seja, uma alteridade projetada. Nessa via, Bakhtin (2016), ao discutir o enunciado como elo, indica que todo enunciado é uma resposta, uma atitude responsiva em relação a enunciados anteriores inscritos em um determinado contexto socio-histórico: “Todo enunciado concreto é um elo na cadeia discursiva de um determinado campo” (Bakhtin, 2016, p. 57), ou seja, “é uma *resposta* aos enunciados precedentes” (Bakhtin, 2016, p. 57). Em *A outra filha*, compreendemos que as irmãs não se conheceram, não compartilharam o mesmo espaço simultaneamente. A carta, embora tenha como interlocutor a irmã, pode ser lida em uma via de endereçamento a uma instância da alteridade mais ampla, visto que se torna uma obra divulgada ao grande público. Montémont (2012) defende que, na autobiografia, a palavra escrita coloca em perspectiva o individual, o inscreve na História coletiva. No caso da escrita de Ernaux, Montémont (2015) ressalta o peso da memória coletiva reconstituída por diferentes espaços e tempos, que inclui uma focalização enunciativa plural, uma inscrição subjetiva de vozes terceiras. Nisso surge uma escrita dinâmica, articulada com diferentes socioletos, léxicos, expressões de diferentes cronotopos, fazendo a voz da autora difratar-se em ecos de vozes rearranjadas em suas obras (Montémont, 2015).

A construção de um discurso sobre a morte da irmã é uma elaboração situada socio-historicamente, que compõe a subjetividade sempre em interface com a alteridade. Para Volóchinov (2019, p. 257), “toda ‘expressão’ de uma ‘vivência’ é o documento de um acontecimento social”. Sendo assim, a

própria experiência subjetiva não existe sem a marca do Outro e da cultura. Em um trecho, encontramos uma identificação entre a autora-pessoa e sua irmã falecida expressa na obra:

De acordo com seu registro civil, você é minha irmã. Tem o mesmo nome de família que eu, Duchesne, meu nome de “solteira”. Na certidão de casamento dos pais, já quase em farrapos, na rubrica “Nascimento e Óbitos das Crianças deste Casamento”, nós figuramos uma embaixo da outra. (Ernaux, [2010]/2023a, p. 9).

Nessa passagem, observamos que a proximidade dos nomes no registro civil contrasta com o afastamento entre as duas irmãs no âmbito da realidade concreta, na convivência familiar. A autora-criadora ainda relata a experiência de descobrir a existência da irmã, que não foi relatada a ela diretamente, mas sim descoberta por meio de uma conversa da sua mãe com uma terceira pessoa. A autora-pessoa então estava brincando com suas primas quando ouviu a conversa da mãe:

ela diz de mim *ela não sabe de nada, não queríamos que ficasse triste*
No fim ela diz, referindo-se a você, *ela era mais boazinha do que aquela ali*
Aquele ali sou eu. (Ernaux, [2010]/2023a, p. 13).

O “ela” da primeira fala reproduzida pela autora-criadora se refere à autora-pessoa, Annie Ernaux. A morte tange o registro do indizível e, portanto, torna-se propícia a um enunciado que sempre remeta a outro enunciado, produzindo um discurso que nunca realizará a última palavra sobre si mesmo, do mesmo modo que a consciência, no pensamento bakhtiniano, é incapaz de dizer a última palavra sobre si (Bakhtin, 2010; Ponzio, 2010). O trecho anterior reflete, para a autora, a cena de descobrimento,

de desvelamento de um real acerca de sua própria história, o que implica refletir sobre como sua imagem foi concebida – antes mesmo de sua existência – no discurso e no imaginário dos pais. O peso das palavras da mãe de Ernaux ecoam na vida da escritora e, nessa perspectiva, Bakhtin (2017) sinaliza o quanto as palavras-alheias compõem a consciência de cada sujeito inserido socio-historicamente:

por palavra do outro (enunciado, produção de discurso) eu entendo qualquer palavra de qualquer outra pessoa, dita ou escrita na minha própria língua ou em qualquer outra língua, ou seja, é qualquer palavra *não minha*. Neste sentido, todas as palavras (enunciados, produções de discurso e literárias), além das minhas próprias, são palavras do outro. Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é a reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (no processo de domínio inicial do discurso) e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana (expressas em palavras ou em outros materiais semióticos). (Bakhtin, 2017, p. 37-38).

Nesse contexto, a formação da consciência – ou diálogo interior, em termos bakhtinianos – implica necessariamente a presença do outro, que, com o seu discurso, participa ativamente na constituição da consciência de um ser. Assim, sob uma perspectiva bakhtiniana, não se faz relevante a distinção entre o interior e o exterior, pois sujeito e sociedade se constroem de forma dialógica, em que cada elemento contribui de modo participativo para a constituição do outro.

Ainda nessa via, as palavras da mãe são enfatizadas por Bakhtin (2017) como possuindo um peso específico, uma atribuição particular, uma vez que a mãe – que pode ser compreendida como “função materna” – representa a primeira

instância de alteridade que participa dessa constituição da consciência. Na obra, o peso da palavra da mãe une a autora-pessoa à irmã como um duplo, tanto porque há a imagem da foto que sempre se acreditou que fosse sua quanto porque há uma comparação entre as duas filhas, sendo a filha morta idealizada no discurso da mãe, discurso composto pelo acento axiológico religioso que nomeia a irmã como santa que alcançou a vida terna. A importância das palavras para composição da sua subjetividade e de seu discurso é salientada pela autora-criadora na seguinte passagem:

Entre mim e minha mãe, duas palavras. Eu a fiz pagar por elas. Escrevi contra ela. Para ela. No lugar dela, operária orgulhosa e humilhada. *Mais boazinha*: eu me pergunto se, desse modo, na verdade ela me deu o direito, ou a obrigação, de não ser boazinha. Nesse domingo não é que eu descubra o meu lado sombrio, é que ele se torna o meu próprio ser. O dia em que ouvi essa história é o dia do julgamento. (Ernaux, [2010]/2023a, p. 16-17).

Aposição social da mãe como operária é marcada por Ernaux como um modo de consciência de classe que a autora-criadora tem da sua origem social. Nesse contexto, a autora compreende certos dizeres e olhares da mãe como construídos em relação dialógica com o seu espaço social. A palavra enunciada pela mãe, “boazinha”, produz uma marca na autora-pessoa. Todavia, na obra em análise, essa palavra pode ser revalorada pela autora-pessoa, adquirindo novos sentidos ao ser reapresentada pela autora-criadora. Há uma reavaliação das palavras-alheias à medida que a autora-criadora percebe o quanto autorizar-se não ser “boazinha” a auxiliou na construção de sua escrita combativa à dominação masculina e às inequidades sociais. A escrita, então, expõe a realidade de sua condição concreta de constituição

subjetiva e social, bem como a possibilidade de diferenciar-se da irmã, seu duplo, ao não ser boazinha. O julgamento aparece como signo ideológico, também acentuado pelo discurso religioso do meio em que a mãe habitava. Entretanto, ao mesmo tempo que pode aterrorizar, como nomeia Ernaux (2023b) ao falar do terror da escrita ao produzir algo que não se acessa de outro modo, o julgamento pode liberar a ampliação de possibilidades de experimentação tanto no que se refere ao tema quanto à forma. A produção literária de Annie Ernaux é composta por obras curtas, com menos de 100 páginas, que buscam ir direto ao ponto, a partir de uma cena fantasmática sob a qual se constrói um fragmento de sua história e suas associações, de onde emerge uma narrativa autossociobiográfica. O cronotopo – tempo e espaço da narrativa literária – balança entre passado e presente para compreender a memória social e seus efeitos no momento em que se escreve. Nesse movimento, encontram-se mesmo trechos em que a escritora reflete sobre a própria escrita. A oscilação entre esses três tempos – passado, tempo atual na realidade social e tempo da escrita – são separados por linhas em branco. No âmbito das palavras escolhidas pela autora para descrever as cenas, encontramos a evitação das metáforas e de adjetivos excessivos. A autora-criadora deixa pistas de suas criações na obra *O lugar* (1983) ao narrar o contexto vivido pelo seu pai, um universo em que uma palavra tipicamente utilizada, mesmo que fosse considerada errada do ponto de vista da norma culta, nunca era substituída por uma nova. Com isso, há um movimento de busca pela literalidade, ainda que nomear literalmente e transpor ao texto literário toda a realidade seja impossível. O peso do julgamento, por sua vez, emerge da intenção de não apresentar nenhum tipo de censura moral ao relatar as cenas e seus efeitos,

ou seja, abrir espaço para que, com a descrição, o leitor preencha com as suas valorações as palavras que narram.

Retomando a teoria dialógica, conforme Bakhtin (2015), as vozes do discurso interior, a consciência, “nascidas da palavra do outro ou dialogicamente estimuladas por ela, mais cedo ou mais tarde começam a libertar-se do poder dessa palavra alheia” (Bakhtin, 2015, p. 143). Nesse âmbito, podemos visualizar o desejo de escrita na obra de Ernaux à medida que se produz um acontecimento estético que não se fecha em si mesmo, numa busca por novas valorações das experiências.

A realidade não interfere nas crenças da infância. Era com essa crença no milagre que eu existia em 1950. E que talvez continue existindo. E só importa aquilo que a primeira história, de minha morte anunciada e de minha ressurreição, fez à segunda, ou seja, à da sua morte e do meu caráter indigno. Como as duas histórias se ligaram. Quais verdades potentes elas construíram. Afinal, foi preciso que eu me virasse com essa misteriosa incoerência: você, a menina boa, a santinha, não foi salva, e eu, a diabólica, estava viva. Mais que viva, tocada por um milagre.

Assim, você precisou morrer aos seis anos para que eu viesse ao mundo e fosse salva.

Orgulho e culpa por ter sido, com um propósito indecifrável, a escolhida para viver. Talvez mais orgulho por ter sobrevivido do que culpa. Mas escolhida para fazer o quê? Aos vinte anos, depois de ter descido ao inferno da bulimia e da menstruação interrompida, veio uma resposta: para escrever. No meu quarto na casa dos meus pais, preguei na parede a seguinte frase de Paul Claudel, cuidadosamente copiada numa grande folha com as bordas queimadas por um isqueiro, como num pacto satânico: “Sim, acho que não vim ao mundo à toa e havia em mim alguma coisa sem a qual o mundo não podia viver”.

Não escrevo porque você morreu. Você morreu para que eu escreva, eis aqui uma grande diferença. (Ernaux, [2010]/2023a, p. 26-27).

No trecho, observamos o enigma do porquê ser poupada, questão que se relaciona heterodiscursivamente com o discurso religioso, católico, do universo familiar. Assim, a arquitetura da relação entre autora-pessoa e a irmã é ressignificada por meio das palavras valoradas novamente pela autora-criadora ao criar uma narrativa. O discurso materno, nesse processo, estabelece uma relação dialógica à medida que traz à luz, nos seus enunciados, acontecimentos do passado: a experiência de perda da filha em virtude da difteria, a ausência da vacinação para essa doença na época e os poucos recursos financeiros da família de Ernaux antes e durante a infância da autora. O texto autossociobiográfico assume, então, a função de ligação entre duas vidas separadas em cronotopos distintos, o passado e o contemporâneo ao tempo da narrativa. O ato ético responsivo da autora-pessoa é a produção escrita, uma vez que ela constrói um sentido para sua existência ao desvelar o segredo familiar.

A valoração da morte da irmã de Ernaux é atravessada pelas valorações construídas pela mãe e pelas condições socioeconômicas dos pais. A percepção da autora-criadora acerca do próprio nome da irmã a fez ressignificá-lo:

Nunca ouvi nenhum dos dois [os pais] dizer seu nome. Soube qual era por minha prima C. Na adolescência, achei que parecia um nome velho, quase ridículo. Nenhuma menina da escola tinha esse nome. Ainda agora, sinto um mal-estar, uma leve aversão ao ouvi-lo. Digo-o raras vezes. Como se ele fosse proibido para mim. Ginette. (Ernaux, [2010]/2023a, p. 34).

O nome da irmã integra o segredo familiar. Ginette, a filha “mais boazinha”, possui uma imagem idealizada atrelada ao discurso religioso da família de Ernaux, que diz que ela morreu como uma “santa”. Em virtude desse discurso, a autora-criadora afirma a impossibilidade de atribuir uma vida com falhas e defeitos à irmã:

Nunca atribuí a você o menor defeito, a menor tolice infantil, nenhum desses atos que me renderam “punições” quando eu tinha a sua idade, como no dia em que cortei traiçoeiramente uma mecha do cabelo da minha prima C. enquanto ela lia. Você é a própria impossibilidade do erro e do castigo. Você não tem nenhuma das características de uma criança de verdade. À maneira das santas, você não teve infância. Nunca te imaginei como uma pessoa real. (Ernaux, [2010]/2023a, p. 40).

Nesse trecho, a impossibilidade do erro e do castigo afirma a morte como um signo ideológico no discurso religioso, que leva a autora-criadora a sustentar uma imagem idealizada da irmã, distante de uma criança de verdade, com falhas. Apesar das diferenças entre as irmãs que são enunciadas, há certa identificação, um desdobramento como duplo, entre a autora-pessoa e a irmã:

A ordem das duas histórias, a minha e a sua, é contrária à do tempo, da marcha do tempo. Nessa ordem, por pouco não morri antes que você morresse. Disso tenho certeza: esse domingo do verão de 1950, quando ouço a história da sua morte, não estou imaginando, eu me lembro. Eu *vejo*, com uma precisão talvez maior do que agora, o quarto de Lillebonne, a cama deles paralela à janela, a minha caminha de jacarandá-rosa bem ao lado. EU VEJO VOCÊ DEITADA NO MEU LUGAR E SOU EU QUE MORRO. (Ernaux, [2010]/2023a, p. 25).

Ao ver-se no lugar da irmã, a autora-criadora também reconhece a impossibilidade de ocupar o seu lugar como criança idealizada. A arquitetônica do ser-evento da autora-pessoa também é construída pela relação de perda que está registrada no discurso familiar, marcando a ausência de Ginette, ainda que fantasiosa, já que as irmãs não conviveram. Na narrativa, a história das irmãs se entrelaça em um registro que não existe

no campo da realidade da autora-pessoa, mas no cronotopo do campo narrativo do autor-criador. Ao ver a si mesma no lugar da irmã, a autora-criadora mostra de que modo a existência dela afetou a constituição subjetiva da autora-pessoa.

O corpo da mãe, fundamental na construção da experiência social e da consciência do sujeito, também aparece na escrita de Ernaux, expressando a angústia da autora-criadora em diálogo com a experiência da autora-pessoa: “Nós nascemos do mesmo corpo. Eu nunca quis pensar nisso de verdade” (Ernaux, [2010]/2023a, p. 56). *A outra filha*, todavia, se trata de um momento de reflexão sobre isso que a autora-criadora diz não ter quisto pensar de verdade. Trata-se da possibilidade de enunciar e estabelecer um “novo elo na cadeia histórica da comunicação discursiva” (Bakhtin, 2016, p. 76). O corpo da mãe, por sua vez, refrata diferentes sentidos nas obras da autora-pessoa: como corpo agressivo e bruto, em *La femme gelée*; como corpo afetivo e, simultaneamente, lugar de encontro com os dejetos e a sujeira, em *Je ne suis pas sortie de ma nuit*; como corpo que é objeto de amor, mas que também censura a sexualidade do corpo da filha, como em *Uma mulher*. Seja como lugar de excesso pulsional, de sujeira ou de espelhamento, em *A outra filha*, o corpo da mãe aparece como lugar que une a história de uma filha à história da outra, como lugar partilhado por ambas as filhas.

Na perspectiva bakhtiniana, a escrita assume diferentes funções ao longo do texto: embora se trate de um processo de comunicação dialógica com enunciados anteriores, acaba por enunciar parte daquilo que também é indizível acerca da morte:

Antes de começar esta carta, sentia uma espécie de tranquilidade no que te dizia respeito, que desde então se aniquilou. Enquanto escrevo, é como se avançasse cada vez mais numa terra turfosa onde não há ninguém,

como nos sonhos, e devesse atravessar, entre cada palavra, um espaço cheio de matéria indecisa. Tenho a impressão de não ter língua para falar de você, para te nomear, impressão de só saber falar de você no modo da negação, do contínuo não ser. Você está fora da linguagem dos sentimentos e das emoções. Você é a antilinguagem. (Ernaux, [2010]/2023a, p. 42).

A antilinguagem faz a autora tensionar os limites e as possibilidades de enunciar a experiência com quem, para ela, sempre esteve ausente e só surgiu por meio do discurso. No desenvolvimento da obra, a autora indaga-se a respeito do próprio propósito de escrita: “Será que eu te escrevo para te ressuscitar e te matar outra vez?” (Ernaux, [2010]/2023a, p. 18). Entrar no campo do desconhecido, na possibilidade de enunciar um segredo, é já questionar o que seria indizível e, nessa via, retomamos Amorim (2001) quando afirma que há um saber que só ocorre por meio da escrita e que não se antecipa a ela. A antilinguagem, nesse sentido, expõe a impossibilidade de esgotar as possibilidades de valoração de um signo ideológico. Escrever, nessa perspectiva, é um modo de a autora manter a irmã viva como registro, possibilitando novas valorações.

Em termos mais amplos do que apenas na obra *A outra filha*, a morte da irmã leva a autora-pessoa a interrogar-se acerca do sentido da sua existência, visto que Ginette precisou morrer para que ela tivesse a oportunidade de nascer. O desejo de escrita se manifesta entrelaçado à própria morte da irmã. As condições socio-econômicas que não permitia à família ter mais que um filho fizeram com que os pais de Ernaux decidissem gestá-la apenas em virtude da perda dessa “outra filha”. De outro modo, caso a irmã não tivesse morrido, não seria possível ter outros filhos. A vida de Ernaux torna-se então, ela mesma, uma relação dialógica estabelecida, um ato responsável e responsivo dos pais. Dessa forma, a autora-criadora encontra na escrita o sentido

para sua existência, bem como sua possibilidade de reavaliação e de autorização de si mesma para não ser “boazinha” frente à dominação masculina e às inequidades sociais. Falar sobre a história da irmã é levar Ernaux a ressignificar sua própria história como um signo ideológico, que reflete e refrata sentidos. A autora-pessoa, Annie Ernaux, salienta, em uma conferência, que os acontecimentos de sua vida a levaram a constituição de um desejo de escrita com caráter de urgência, que implica “mergulhar no indizível de uma memória reprimida” (Ernaux, 2023b, p. 15), entendendo a escrita como esse desejo irreprimível frente à necessidade de vingar as desigualdades sociais vividas por sua família (Ernaux, [2010]/2023a). “Mergulhar” na história de Ginette é uma oportunidade que a autora-criadora dá à autora-pessoa de ressignificar e compreender sua existência, libertando-se da palavra alheia para construir a sua própria leitura singular, responsável e responsiva, do social.

Considerações finais

A obra de Ernaux suscita questões nos leitores ao visar uma escrita que tange às condições concretas das relações sociais. A interrogação do estilo da autora não é recente. Todavia, não encontramos estudos anteriores que buscassem analisar a obra *A outra filha* ([2010]/2023a). Nessa via, propusemos uma análise dialógica da obra como uma escrita autossociobiográfica, com um cronotopo singular, que tensiona a dimensão ético-estética, visando discutir a possibilidade de reavaliação da morte como experiência social por meio da linguagem.

Ao analisar o texto literário, identificamos que a relação entre a autora-pessoa, a autora-criadora e a irmã falecida,

Ginette, é construída por meio da linguagem, visto que elas não se conheceram. A linguagem, considerada na perspectiva do Círculo de Bakhtin, é composta pela materialidade da palavra-alheia como signo ideológico. Nesse âmbito, observamos alguns operadores teóricos no texto: signo ideológico, heterodiscurso, cronotopo e palavra-alheia.

Identificamos que os enunciados da mãe da autora-pessoa marcam a constituição dela como ser-evento por meio da transmissão de suas palavras-alheias. A relação com a irmã é sempre permeada por meio dessas palavras-alheias. Destacou-se a morte como palavra que representa um signo ideológico permeado pelo discurso religioso do contexto vivenciado pelo discurso familiar, produzindo um heterodiscurso. Outro signo relevante é o corpo, uma vez que o corpo da mãe é apresentado como lugar partilhado pela irmã e pela autora-pessoa. A partilha desse espaço, bem como do discurso familiar, produziu dois efeitos na constituição narrativa da autora-criadora acerca da própria história da autora-pessoa: (a) o espelhamento em relação à irmã; (b) as comparações presentes no discurso da mãe. Além disso, encontramos a morte da irmã como um peso, uma sombra que recai sobre a vida da filha viva, uma vez que a autora-pessoa só nasce, de acordo com o discurso familiar, porque a irmã morre. Com isso, desenvolve-se a escrita como ato ético responsivo a esse discurso, produzindo uma nova valoração acerca da própria vida da autora-pessoa e da morte da irmã.

No que tange ao cronotopo, a escrita da obra literária cria tempo e espaço em que a autora-criadora reencontra a irmã e traz novas valorações das palavras-alheias, marcadas por signos ideológicos. Dois cronotopos se destacam: (a) o tempo da infância, marcado pelo segredo e pelo enigma provocado pela

descoberta dele; (b) o tempo atual à escrita, reflexivo em relação à própria existência da autora como sujeito. Nesse sentido, a autora-pessoa pode então ressignificar e compreender sua escrita como uma ação social e política combativa às relações de dominação.

Concluimos que a alteridade ético-estética da autossociobiografia permite refletir e refratar diferentes sentidos para as palavras-alheias que nomeiam experiências sociais de perda. Se, por um lado, a linguagem é insuficiente para dar conta de nomear tudo acerca da experiência concreta radical que é a morte, por outro, as palavras-alheias fornecem dizeres para valorar a morte como experiência social. Nessa via, a revalorização das palavras-alheias permite que a vida siga adquirindo diferentes contornos, refratando diferentes valores no discurso social.

Referências

AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do Romance I: a estilística (1934-1935)*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução e organização de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

BAKHTIN, Mikhail. *O homem ao espelho: apontamentos dos anos 1940*. Tradução do russo para o italiano de Augusto Ponzio. Tradução do italiano para o português do Brasil de Marisol Barenco de Mello. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

BAKHTIN, Mikhail. *O autor e a personagem na atividade estética*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2023.

BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. 11. ed. Campinas: Papirus, 2011.

BUBNOVA, Tatiana. *Do corpo à palavra: leituras bakhtinianas*. Tradução de Nathan Bastos de Souza. São Carlos: Pedro e João Editores, 2016.

CHARPENTIER, Isabelle. “La littérature est une arme de combat” – Entretien avec Annie Ernaux, écrivaine, par Isabelle Charpentier, sociologue. In: MAUGER, Gérard (org.). *Rencontres avec Pierre Bourdieu*. Paris: Éditions du Croquant, 2005. p. 159-175. Disponível em: <https://hal.science/hal-03689109v1>. Acesso em: 06 out. 2024.

CHARPENTIER, Isabelle. “Quelque part entre la littérature, la sociologie et l’histoire...”. *CONTEXTES* – revue de sociologie de la littérature, n. 1, 2006. Disponível em: <http://journals.openedition.org/contextes/74>. Acesso em: 23 ago. 2024.

ERNAUX, Annie. *A outra filha*. São Paulo: Fósforo, 2023a. Obra original publicada em 2010.

ERNAUX, Annie. *A escrita como faca e outros textos*. São Paulo: Fósforo, 2023b.

ERNAUX, Annie. *O lugar*. Tradução de Marília Garcia. São Paulo: Fósforo, 2024. Obra original publicada em 1983.

ERNAUX, Annie; BRAS, Pierre. La littérature, c’est la mise en forme d’un désir. *Journal des anthropologues*, v. 1-2, n. 148-149, p. 93-115, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/jda/6605>. Acesso em: 13 ago. 2024.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

JUNQUEIRA DOS SANTOS, Carolina. *A espessura do tempo, ciclo I: imagem e escrita em Annie Ernaux*. [Notas de aula], 12-02 set., 26 ago. 2025a.

JUNQUEIRA DOS SANTOS, Carolina. *A espessura do tempo, ciclo II: origem, infância e escrita em Annie Ernaux*. [Notas de aula], 09-30 set., 30 set. 2025b.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários*: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2019.

MOLL, Eduardo da Silva; DI FANTI, Maria da Glória Corrêa; THEOBALD, Pedro. Consolação e alteridade: uma leitura bakhtiniana de A nossa necessidade de consolação... (1952), de Stig Dagerman. *Diálogo das Letras*, v. 13, p. e02429, 2024. DOI: 10.22297/2316-17952024v13e02429. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/6101>. Acesso em: 06 dez. 2024.

MONROY, Amalia Rodríguez. Bakhtin e Freud: a questão do inconsciente. Tradução Luciane de Paula e Érika Michela Carlos. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (org.). *Círculo de Bakhtin*: concepções em construção – volume 4. Campinas: Mercado de Letras, 2019. p. 79-96.

MONTÉMONT, Véronique. Vous et moi: usages autobiographiques du matériau documentaire. *Littérature*, n. 166, p. 40-54, 2012. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-litterature-2012-2-page-40.htm>.

MONTÉMONT, Véronique. La chambre d'échos: sur Les Années, d'Annie Ernaux. In: KAHN, Robert; MACÉ, Laurence; SIMONET-TENANT, Françoise (ed.). *L'intertextualité dans l'œuvre d'Annie Ernaux*. Rouen, France, 2015.

PONTES, Isadora de Araújo. 2017. *L'événement de Annie Ernaux*: uma escrita dos limites. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.

PONZIO, Augusto. O pensamento dialógico de Bakhtin e do seu Círculo como inclassificável. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (org.). *Círculo de Bakhtin*: teoria inclassificável – volume 1. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 293-349.

PONZIO, Augusto. *Livre mente*: processos cognitivos e educação para a linguagem. Tradução de Marcus Vinicius Borges Oliveira e Marisol Barenco de Mello. São Carlos: Pedro e João Editores, 2020.

SOUZA, Nathan Bastos de. Discurso biográfico: uma proposta de exame do funcionamento discursivo. *Diálogo das Letras*, v. 12, p. e02311, 2023. DOI: 10.22297/2316-17952023v12e02311. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/4962>. Acesso em: 30 nov. 2024.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia*: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

ZAVALA, Iris. O que estava presente desde a origem. Tradução de Fernando Legón e Diana Araújo Pereira. In: BRAIT, Beth. *Bakhtin*: dialogismo e polifonia. São Paulo: Contexto, 2022. p. 151-166.